

O sonho, uma tecnologia ancestral indígena: o conceito de cosmotécnica no pensamento de Ailton Krenak¹

Resumo expandido

Este artigo pretende, a partir do conceito de cosmotécnica de Yuk Hui (2020) e sua definição de tecnologia, situar o ato de sonhar, tal como concebido no pensamento do autor indígena Ailton Krenak, como uma tecnologia ancestral ameríndia. A metodologia aplicada consiste em uma revisão bibliográfica para associar as formulações teóricas de Hui sobre a cosmotécnica com as ideias de Krenak sobre os sonhos. Primeiramente, devemos definir o que é a cosmotécnica apresentando os problemas que o filósofo buscou solucionar com a sua proposta, assim como as influências teóricas que o levaram a formulá-la. Em síntese, podemos entender a cosmotécnica como uma forma de questionar a compreensão da tecnologia em diversos campos de estudo, ampliando os conceitos do que é tecnologia para visões que vão além da ontologia que orienta o pensamento moderno. O que Hui defende é que, ao longo do século XX, a filosofia, a antropologia e a história compreenderam a tecnologia a partir de uma perspectiva muito eurocêntrica (2020a). O filósofo parte de uma crítica à ideia de Heidegger, de que existem dois tipos de tecnologia: a *technē* da grécia antiga e a tecnologia moderna (HUI, 2020a; p.27, 2020b). Para Hui, várias formas de tecnologia não podem ser assimiladas ou reduzidas aos postulados dessas duas categorias, pois excluiria tecnologias chinesas, indianas e amazônicas, apenas para listar algumas

¹ Proposta de trabalho para o eixo temático “Tecnodiversidade, localidade e tecnologias alternativas” do XVI Simpósio Nacional da ABCiber – Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura. Universidade Federal de Santa Maria/RS, realizado nos dias 27 de novembro a 01 de dezembro de 2023.

(2020a). Hui compreende a tecnologia como “a exteriorização da memória e a superação da dependência dos órgãos” e que, portanto, podemos crer que a tecnologia, como um universo antropológico, está presente nas mais diversas sociedades humanas (HUI, 2020b, p.16). Porém, devemos nos atentar ao fato de que a tecnologia não é “antropologicamente universal” (ibid.). Pois, são cosmologias particulares que garantem, e limitam, o funcionamento de cada tecnologia. Essas cosmologias vão além da “mera funcionalidade e da utilidade” (ibid.). A cosmologia não existe puramente como teoria, ela sempre é um ser técnico, que já foi racionalizado no mundo de forma parcialmente determinada pelas suas condições históricas e geográficas (HUI, 2020c, p.1410). Portanto, não há uma tecnologia única, mas uma multiplicidade de cosmotécnicas. Ou seja, para Hui, a cosmotécnica seria “a unificação do cosmos e da moral por meio de atividades técnicas, sejam elas da criação de produtos ou obras de arte” (2020b, p.26). Por sua vez, as cosmologias são os fundamentos da moralidade, pois ditam o que é racional ou não de acordo com seus sistemas imaginários de ordem (HUI, 2020c). Logo, podemos assumir que há uma diversidade de cosmotécnicas, variando de uma cultura para a outra com diferentes dinâmicas, a depender do tipo de moralidade, do cosmos, de a quem a técnica pertence e de como tudo isso é unificado (ibid.). O pensamento cosmotécnico seria uma forma de racionalização incorporada nas atividades técnicas, que medeiam e concretizam essas relações entre humanos e não humanos (HUI, 2020c, p.1410.). Portanto, para Yuk Hui, todas as cosmologias são cosmotécnicas (ibid.). Ele argumenta que, se a filosofia e a metafísica ocidental se completaram através da tecnologia moderna, devemos propor uma nova forma de pensar que tenha a tecnologia como principal objeto de questionamento e de diálogo (2020b, p.22), uma vez que a planetarização da tecnologia oriunda da filosofia ocidental impõe também a planetarização dessas condições de pensamento (ibid.). Trata-se de questionar uma imaginação cosmológica fundamentada no seguinte pressuposto: a natureza pode – e deve– ser dominada pelo homem, de acordo com as próprias regras da natureza, para o bem do homem (ibid.,p.23). Em resposta à crise da modernidade, expressa

hoje como uma crise ecológica intimamente ligada ao Antropoceno, é que antropólogos propuseram um movimento conhecido como “virada ontológica” (HUI, 2020b, p.21-22). O movimento é uma tentativa de “levar diferentes ontologias em diferentes culturas a sério” (ibid.). Descola, por exemplo, propõe o reconhecimento de diferenças ontológicas como antídoto à dominância dessa ontologia que opõe cultura à natureza (o naturalismo) (ibid., p. 24). Já Hui, considera que, para isso, seria mais produtivo abordar, além da noção de cosmologia, o que ele chama de cosmotécnica: “a unificação do cosmos e da moral por meio das atividades técnicas, sejam elas da criação de produtos ou de obras de arte” (ibid., p.25). De uma cultura para a outra as moralidades impostas variam, assim como o cosmos de cada cultura e os membros dela e, portanto, as formas como esses três elementos se unificam varia de acordo com diversas diferentes dinâmicas (ibid., p.26). Por esse motivo, podemos afirmar que existe uma grande diversidade de cosmotécnicas. O autor defende que devemos rearticular a questão da tecnologia, de modo “a vislumbrar a existência de uma bifurcação de futuros tecnológicos sob a concepção de cosmotécnicas diferentes” (ibid.). Pois, só assim ele considera possível confrontar a crise ecológica na qual nos encontramos no antropoceno. Feitas essas considerações sobre a relevância da cosmotécnica, partimos para a segunda fase deste estudo, onde tentaremos trabalhar com uma noção de cosmotécnica a partir do pensamento do escritor indígena Ailton Krenak. Mas antes, devemos distinguir a ontologia a partir da qual esse autor desenvolve o seu pensamento, o animismo, daquela que ordena o padrão de pensamento ocidental de forma mais geral, o naturalismo. Com base em Descola e Latour poderíamos dizer que, enquanto os “naturalistas” procuram as semelhanças entre entidades baseando-se em seus aspectos físicos e as distinguem baseados em características mentais ou espirituais, os adeptos do “animismo” agem de forma oposta, assumindo que todas as entidades são semelhantes “em termos de seus aspectos espirituais, mas se diferem radicalmente em virtude do tipo de corpo do qual são dotadas” (LATOURE, 2011, p.174). Krenak tem uma proposta para encontrar um contato entre essas duas visões para nos tirar desse “estado de não reconhecimento um do outro”: olharmos para o ato de

sonhar como fazem os povos originários (ibid., p.51). Segundo ele, diferentes povos reconhecem a prática de sonhar, “essa instituição do sonho”, não como uma experiência cotidiana, mas sim como um exercício disciplinado, onde o sonhador busca nos próprios sonhos orientações para suas escolhas do dia a dia (ibid. p.51-52). O autor argumenta que, enquanto para alguns sonhar é abdicar da realidade e do sentido prático da vida, outros só conseguem ver sentido na vida através dos sonhos (ibid.). Pois, são nos sonhos que eles encontram “os cantos, a cura, a inspiração e mesmo a resolução de questões práticas que não consegue discernir, cujas escolhas não se consegue fazer fora do sonho, mas ali ficam abertas como possibilidades” (ibid.). Nessas culturas, a “instituição do sonho” não é vista como uma simples experiência onírica, mas como uma disciplina que se relaciona à formação, cosmovisão e tradição de diferentes povos, onde o sonho é, nas palavras de Krenak, “um cantinho de aprendizado, autoconhecimento sobre a vida e a aplicação desse conhecimento na sua interação com o mundo e as outras pessoas” (ibid., p.52-53). Cabe aqui tentar analisar o sonho como uma tecnologia ameríndia. Primeiro, vamos partir da definição de Yuk Hui sobre a tecnologia como sendo a “exteriorização da memória e a superação da dependência dos órgãos” (ibid., p. 16). Podemos inferir que, se o sonho é, como diz Krenak, um meio de se comunicar com os ancestrais (Apud, Bucci & Freire, 1989), ele é também uma forma de exteriorização da memória e superação dos órgãos. Pois, as mensagens de uma entidade que já não possui corpo são passadas para o seu descendente, preservando assim a memória do seu ancestral. Neste exemplo, vemos claramente como a essa tecnologia não é “antropologicamente universal”, porque está alinhada a uma cosmologia específica. Neste caso, o naturalismo, que rege o pensamento moderno segundo as categorizações de Descola, seria uma barreira para usufruir dessa tecnologia como tal. Pois, o sonho como tecnologia se situaria em uma variedade de cosmovisões (as ameríndias) que percebem a natureza como baseada na “na continuidade da espiritualidade, apesar do caráter descontínuo da fisicalidade” (HUI, 2020b,p.22). Podemos conceber o ato de sonhar, como definido por Krenak como uma atividade técnica,

pois, para ele, o sonho não é uma mera experiência cotidiana que ocorre ao dormir, mas um exercício disciplinado, onde o indígena busca as orientações para as escolhas do dia a dia (KRENAK, 2019, p.52-53). Segundo o pensamento de Krenak, é através do sonho que surgem “os cantos, a cura, a inspiração e mesmo a resolução de questões práticas que não consegue discernir, cujas escolhas não se consegue fazer fora do sonho, mas ali ficam abertas como possibilidades” (ibid, p.51-52). Portanto, é parte fundamental para a criação de obras de arte, assim como revela também uma dimensão moralizante que está em sintonia com a cosmovisão indígena. Por fim, a relevância desse estudo é contribuir para a noção de cosmotécnica a partir de uma perspectiva dos povos indígenas do Brasil sobre a tecnologia. Tendo em vista que o antropoceno é “um eixo de tempo global e de sincronização que tem como base essa visão do progresso tecnológico rumo à singularidade” (HUI, 2020b, p.30), repensar o que é tecnologia a partir de outras ontologias é uma forma de combater esse futuro tecnológico homogêneo. A proposta de Krenak para encontrar o contato entre formas distintas de interpretar a natureza, que, como vimos, podem ser definidas como animismo e naturalismo, é olhar para o ato de sonhar como fazem os povos originários (2019, p.49). Portanto, olhar para o ato de sonhar como uma cosmotécnica ameríndia é repensar o que pode ser considerado tecnologia e cosmos, dentro dos limites e possibilidades de uma ontologia que norteou os saberes técnicos de populações que tiveram êxito em construir modos de vida sustentáveis — uma inspiração fundamental para os desafios ecológicos que virão.

Palavras-chave

Tecnodiversidade ; Cosmotécnica; Ailton Krenak ; Sonhos indígenas ; Yuk Hui.

Referências bibliográficas

BUCCI , E; FREIRE, A. Ailton Krenak- Receber sonhos. Disponível em

<<https://teoriaedebate.org.br/1989/07/06/ailton-krenak-receber-sonhos/>>acessi en agosto
de 2023 (entrevista de 1989)

HUI, Y. Cosmotecnics. Taylor & Francis Online. 2020a
<<https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/0969725X.2020.1790828> > acesso em
agosto de 2023

_____.**Tecnodiversidade**. São Paulo: Ubu Editora. 2020b.

_____.This Strange Being Called the Cosmos. Foundations of Science. 2020c.

KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras,
2019.

LATOUR,B. Perspectivismo: "tipo" ou "bomba"? Primeiros Estudos, São Paulo, n. 1, p.
173-178, 2011.